

À guisa de prefácio

Horizontes de uma Avaliação para a Aprendizagem

José Matias Alves

No âmbito de uma Pós-Graduação em Avaliação Pedagógica das Aprendizagens que tive o prazer de coordenar e no contexto de uma Unidade Curricular focalizada na exploração das Políticas e recomendações em torno da Avaliação Pedagógica, 18 alunos foram desafiados a escreverem uma **Memória descritiva e reflexiva sobre as práticas de avaliação de pedagógica praticada (desejavelmente inovadoras e que contribuam para o desenvolvimento humano)**.

E responderam ao desafio. Esta publicação dá conta de alguns dos sentidos mais relevantes que se podem ler nestas narrativas. E que comprovam que os professores podem ser autores. Que podem refletir (e aprender) com as suas práticas. Que podem construir novos horizontes para uma avaliação que não tem de estar condenada a domesticar e a reproduzir o já sabido. Que a avaliação pode estar ao serviço das aprendizagens (dos conhecimentos, das capacidades, das atitudes e dos valores) que temos de promover. Nesta breve nota introdutória seja-me apenas permitido destacar alguns dos principais sentidos aqui presentes, dando a palavra aos autores. E os destaques que selecionei foram os seguintes: *A centralidade da escuta, da proximidade, da observação e da atenção; A questão do sentido da ação pedagógica; A relevância de ligar o ensino (e a avaliação) ao mundo real; A importância decisiva do feedback [e dos emojis]; Uma Avaliação ao serviço da promoção dos valores; Uma Avaliação ao serviço da desaprendizagem e da construção da confiança; Uma pedagogia de avaliação que coloca os alunos no centro das aprendizagens; O gaming e o desafio; E assumimos [erradamente, tragicamente] que o não pode ser medido não existe (e não vale a pena ser ensino e aprendido); A metamorfose do ser professor libertador e artes do voo; A metodologia do desporto como inspiração; Um alargamento de horizontes.*

São, pois, assim, as palavras de quem constrói futuros através dos caminhos da avaliação.

A centralidade da escuta, da proximidade, da observação e da atenção

“apercebi-me que observar mais metodicamente os alunos, compreender melhor as dificuldades sentidas por cada um, permitia-me, atempadamente, reajustar de maneira mais sistemática e individualizada as minhas intervenções pedagógicas. (...)”

Enquanto professora procuro não só que os meus alunos tenham sucesso, mas também que cada um consiga dar o seu melhor. (...) Uma outra prática que procuro que esteja sempre presente nas minhas aulas é o saber ouvir, saber escutar, de forma a compreender as ideias, as dificuldades, as descobertas de cada um.” (Ana Teresa)

A questão do sentido da ação pedagógica

“A pergunta que eu mais faço nas minhas aulas é “isto faz sentido?” (Ana Teresa)

A relevância de ligar o ensino (e a avaliação) ao mundo real

“levar os alunos a identificarem a presença da Matemática em situações do mundo real, reconhecendo a utilidade e poder da Matemática na previsão e intervenção nessas situações. (...) Privilégio a organização de contextos/ambientes de trabalho e aprendizagem, estimulando a reflexão, apoiando os alunos, acompanhando e caminhando com eles. (Cláudia)

“As práticas de avaliação mais poderosas são as que elegem as dimensões do aluno como pessoa, isto é, avaliar para a vida, ao serviço do projeto de vida de cada pessoa, eclético, flexível e através de diferentes instrumentos.” (Emília)

A importância decisiva do feedback [e dos emojis]

“Feedback entre pares (heteroavaliação), Aula invertida – produção/criação de um exercício, Rubrica Role Play”. E a Cristina conclui referindo “considero que as práticas avaliativas descritas estão ao serviço das aprendizagens, pois permitem a regulação das aprendizagens, o ajustamento de medidas pedagógicas e adaptação aos diversos contextos, recorrendo a diferentes instrumentos e técnicas, com vista a garantir que todos os alunos desenvolvam e alcancem as competências previstas e atinjam o sucesso escolar.” (Cristina)

“Como é importante facultar *feedback*, para que o aluno percecione o seu caminho e percurso formativo, optei por, além de um descritivo teórico nas publicações,

utilizar uma linguagem que é mais familiar no discurso atual da sociedade, a saber, a utilização dos *emojis*.” (Filipe)

“(…) O potencial desta ação reside no facto de que o feedback ao aluno incentiva à compreensão do erro e à sua utilização como plataforma para a aprendizagem, uma vez que são apontadas pistas de melhoria, ao invés de uma correção onde são assinalados os erros e é atribuída uma classificação. Assim, o aluno participa na aprendizagem e vê a correção como uma “luz” que aponta novos caminhos.” (Sandra Costa)

Uma Avaliação ao serviço da promoção dos valores

“(…) Pois, para além do desenvolvimento de diferentes áreas de competências é na escola, mais concretamente em sala de aula, que valores como a *responsabilidade* e a *integridade*, entre outros, devem ser exercitados e daí catapultados para a todas as dimensões da vida dos nossos alunos.” (Filipe Vale)

Uma Avaliação ao serviço da desaprendizagem e da construção da confiança

“(…) Apercebi-me rapidamente de que precisava desconstruir, com um carácter de bastante urgência, o insucesso que haviam aprendido de forma tão vincada e que ocupava tamanho espaço que não cedia lugar a novas aprendizagens ou competências. Muito pelo contrário, repeli-as. (...) A solução que encontrei foi inverter este processo e, a título experimental, decidi que no módulo 1 faria uma avaliação de leitura para a qual cada aluno partiria com 20 valores. Caberia a cada um dar o seu melhor para perder o mínimo de pontos possíveis. Reação instantânea: descrença. Riram. Acharam que estava “a gozar”. Quando se aperceberam que estava a falar a sério, também eles levaram a sério o desafio. E eis que uma turma para a qual o inglês pouco ou nada dizia, treinava para o momento de avaliação no corredor, antes da aula. E não tinha vergonha de o mostrar.

Afinal, sou / somos “reescritores” de capítulos em aberto e permanente evolução, somos orientadores de rumos e, espero eu, reveladores de horizontes e potencialidades que vão para além do que está consagrado na legislação e nos documentos orientadores da prática avaliativa. Somos, pois, reavaliadores a cada passo de um percurso rumo ao sucesso, seja este qual for. (Isolete)

Uma pedagogia de avaliação que coloca os alunos no centro das aprendizagens

“O método *flipped classroom* propicia diálogo e interação entre aluno e professor, tornando-se numa forma mais agradável e salutar (tirar isto) de aprendizagem.

“(…) Sempre que apliquei este método os resultados e feedback dos alunos obtidos foram satisfatórios. O aspeto positivo mais evidenciado pelos alunos relaciona-se com a possibilidade de voltar a visitar o trabalho desenvolvido pelos colegas, o banco de recursos disponíveis e quando o professor expõe a matéria já existe um conhecimento prévio da mesma, o que permite um maior envolvimento na aula e um maior esclarecimento de dúvidas. O aluno é também capaz de analisar, criticar e avaliar os seus conhecimentos até ao momento.” (Júlia)

O gaming e o desafio

“As atividades lúdicas são uma excelente maneira de tornar as aulas de línguas mais envolventes e eficazes, ajudando os alunos a aprender de maneira mais significativa e a comunicar melhor na língua-alvo. Além de desenvolver habilidades linguísticas ainda melhora a confiança e a autoestima dos estudantes.” (Maria Cristina)

E assumimos que o não pode ser medido não existe (e não vale a pena ser ensino e aprendido)

“Tan (2003) refere-se à falácia de *Macnamara* para explicar por que motivo a avaliação continua a incidir, essencialmente, sobre os testes ou exames. “Nós medimos o que é facilmente mensurável e desprezamos o que não podemos medir facilmente. Depois, presumimos que o que não podemos medir não é importante e assumimos que o que não pode ser medido não existe.” (p. 13) (Paula Cristina)

A metamorfose do ser professor libertador e artes do voo

“Em analepse, reconheço que a aluna que fui se transformou numa professora que procura - ou tenta? - encontrar meios para despertar no aluno o gosto por aprender, por conhecer, adotando uma filosofia pedagógica proativa. (...) Voar é possível, só carece das ferramentas necessárias.” (Regina)

A metodologia do desporto como inspiração

“(…) Com a utilização desta metodologia os alunos passam efetivamente a ser o foco da aprendizagem, o trabalho é desenvolvido pelos alunos e não para os alunos, permitindo assim um melhor desenvolvimento da autonomia e responsabilidade, valorizando-se e aperfeiçoando-se mais as competências sociais.” (Ruben)

Um alargamento de horizontes

“O educador deve ter a preocupação dar às crianças ferramentas que lhes permitam pensar, comunicar, pesquisar, ter raciocínio lógico, interagir com outras pessoas, questionar o mundo que as rodeia, contribuindo para que sejam seres independentes, autónomos, críticos e capazes de tomar suas próprias decisões, no sentido de transformar a nossa sociedade numa sociedade mais justa e solidária.” (Sandra Amaral)